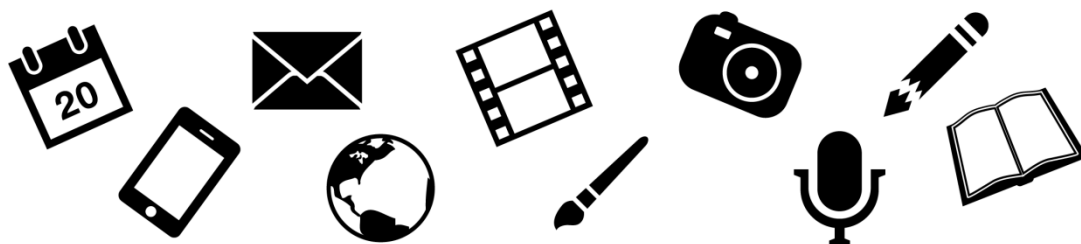




**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

## UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



*Agecom*  
Agência de  
Comunicação  
da UFSC

**22 de abril de 2014**

# Diário Catarinense Vestibular "Eindhoven, Holanda"

Eindhoven, Holanda / Estudante / Curso Engenharia Mecânica / UFSC / Matheus Klanert / Intercâmbio / Universidade Tecnológica de Eindhoven / Universidade Federal de Santa Catarina

## Eindhoven, Holanda

O estudante de Engenharia Mecânica da UFSC, Matheus Klanert, tem 23 anos e passou um ano fazendo intercâmbio na Universidade Tecnológica de Eindhoven (TU/e), na Holanda. Ele chegou ao país europeu em fevereiro de 2012. Durante o primeiro semestre, cursou algumas disciplinas que não encontrava no Brasil; no segundo, fez um estágio num projeto brasileiro de uma fabricante de caminhões.

– Eu não imaginava ir pra Holanda. Porém, quando a oportunidade surgiu pela primeira vez no meu curso, eu não tive dúvidas e me inscrevi – relembra Klanert.

Confira o relato do estudante:

### FOI NO SUSTO!

‘A verdade é que não houve muita preparação. Me inscrevi no programa e, duas semanas depois, já sabia que ia para a Universidade Tecnológica de Eindhoven (TU/e), parceira da UFSC em intercâmbios. Tive cerca de dois meses pra me inscrever na universidade, arrumar toda a documentação, visto, etc. Foi no susto! Sabia algumas coisas sobre o país, mas sobre a cidade, só o que um amigo falou quando contei para onde estava indo: “Ah, é a cidade do PSV (um dos maiores times de futebol da Holanda)!”

### NO FRIO, UMA RECEPÇÃO CALOROSA

Pra minha sorte, o pessoal lá é bastante receptivo e organizado. A universidade é bem preparada pra receber estudantes estrangeiros, então quando cheguei eles já me ajudaram a resolver metade dos problemas, só não me ajudaram com o frio! Outra coisa que contou muito é que eu fui viajar com mais cinco colegas de curso, então tudo ficava mais fácil e divertido quando fazíamos juntos.

### PROBLEMAS DE COMUNICAÇÃO

A língua foi – e ao mesmo tempo não foi – um problema. Cheguei lá e não sabia absolutamente nada de holandês. Porém, quase todo mundo fala inglês, então

isso facilitou bastante. Tive que aprender apenas a interjeição “alstublieft”, uma palavra que eles usam pra tudo, de por favor a obrigado. Até mesmo as aulas na universidade eram em inglês.

### ESTRUTURA IMPRESSIONANTE

A universidade é razoavelmente menor que a UFSC – cerca de 25% do número de alunos –, mas contava com uma estrutura ainda inimaginável por aqui. Durante o primeiro semestre, cursei algumas matérias bem interessantes que não encontro no Brasil, como uma sobre veículos híbridos. No segundo, fiz estágio em um projeto brasileiro dentro de uma fabricante de caminhões holandesa!

### LIBERDADE E QUALIDADE DE ENSINO

Um dos pontos mais importantes nesse tempo foi notar o quanto nosso ensino é deficitário, mesmo o superior. Isso fortaleceu o meu desejo de me tornar professor para tentar mudar essa realidade. A cultura holandesa também tem algo muito interessante, que é o respeito à liberdade e às diferenças individuais. Isso é algo que eu tento incorporar no meu dia a dia – além da bicicleta! Com certeza, a escolha da Holanda como país para intercâmbio foi acertada tanto pelo lado do aprendizado técnico quanto pelo pessoal.



Matheus fez intercâmbio na Universidade de Eindhoven

**Diário Catarinense**  
**Vestibular**  
"Treino é treino, jogo é jogo"

Treino é treino, jogo é jogo / Vestibular de inverno / Experiências e conquistas / UDESC / ACADEMIA / Dicas / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Só não vale desistir / Tente outra(s) vez(es)

DIÁRIO CATARINENSE  
**vestibular** eoe  
FLORIPA

TERÇA-FEIRA 22 de Abril de 2014 N. 549 Contato: (48) 3216-3577 Edição: Nanda Gobbi Reportagem: Gabriel Rosa E-mail: vestibular@diario.com.br Diagramação: Sandro Veira e Karina Silveira

**Hora de treinar**

Anelise da Cunha Duarte está se preparando para fazer a prova da Udesc, em junho

Falta pouco para o vestibular do inverno. Para uns é um atalho para entrar na universidade, para outros é tempo de testar os conhecimentos

Páginas 4 e 5

**DESISTIR, JAMAIS!** HISTÓRIAS DE QUEM INSISTIU MUITO E CONSEGUIU UMA VAGA NA UNIVERSIDADE PÁGINAS 6 A 8

# Treino é treino,

A pouco mais de um mês do vestibular de inverno da Udesc e da Acafe, os candidatos que estão mirando em uma das vagas do fim do ano têm uma oportunidade extra para testar o conhecimento e ir se aquecendo para a "hora da verdade", quando ocorrem as principais provas do Estado.

GABRIEL ROSA

Você conhece o ditado "a prática leva à perfeição"? Estudantes às vésperas de prestar o vestibular costumam levar a orientação à risca, resolvendo uma infinidade de questões de apostilas ou escrevendo redações sobre temas que podem vir a ser abordados. Alguns, entretanto, se adiantam ainda mais e queimam a largada: são os treineiros, que fazem a prova junto com todos os outros candidatos, mas não estão realmente disputando vagas.

O treineiro é aquele estudante que acha uma boa ideia fazer a prova apenas pela experiência. Para ele, pontuar mal não é sinal de fracasso, mas de uma necessidade urgente de melhorar ainda mais até a próxima prova. Também não faz diferença ficar na média de nota dos aprovados, o importante é que o treino valha a pena.

É o caso de Yasmin Marcondes, 17 anos, estudante do terceiro ano do Colégio Tendência. Ela quer cursar Medicina Veterinária e pretende fazer a prova da Udesc no fim do ano. Yasmin, entretanto, já está inscrita na prova de inverno da universidade, marcada para junho. Este será o primeiro vestibular que ela irá fazer na vida.

— Quando chegar a prova do fim do ano, bem mais importante pra mim, já vou saber como o esquema funciona. Não vou ficar totalmente calma, é claro, mas pelo menos um pouquinho mais calma — brinca a estudante.

O nervosismo, como Yasmin relata, é um dos principais desafios que um vestibulando precisa superar. Professor de Geografia e atualidades no Sistema de Ensino Energia, Marcos Monteiro concorda com a estudante. Ele explica que a pressão social e familiar costuma bater mais forte nos jovens. Sob tensão, os vestibulandos precisam pesar inúmeros fatores e acabam tendo dificuldades com o mais importante: fazer uma boa prova.

Para Monteiro, o vestibular é como qualquer concurso público: um processo baseado na tentativa e erro. Por isso, vários professores de pré-vestibulares costumam estimular os alunos a testarem os conhecimentos já durante o ensino médio.

— Cada profissional tem uma opinião sobre o assunto. Alguns acham que o aluno tem que fazer várias provas desde bem jovem, enquanto outros sugerem que isso seja feito mais perto do fim do ensino médio. Mas é quase consensual que, no terceiro ano, o estudante precisa ter passado pela experiência para não ter uma surpresa desagradável.

gabriel.rosa@diario.com.br



Anelise da Cunha Duarte tem 16 anos e vai fazer o vestibular da Udesc como treineira

# jogo é jogo

## Vestibular de inverno: oportunidade de experimentar

A vestibulanda Anelise da Cunha Duarte, 16 anos, pretende concorrer para Nutrição na UFSC e Artes Visuais na Udesc. Ela estuda no Colégio Ceb, em Florianópolis, e fez a prova da estadual no fim do ano passado, mas nunca a da federal. Para Anelise, prestar um vestibular como treino não adianta nada se o candidato não compreende as diferenças entre cada um dos exames.

– As duas provas cobram coisas bem diferentes, mas eu dou uma reforçada em casa. Acho o vestibular da Udesc mais difícil, mas muitos conteúdos acabam batendo – explica a candidata.

O caso da vestibulanda Anelise não é raro. Dos 34 mil candidatos do último vestibular da UFSC, em dezembro de 2013, mais de 1,1 mil (3,3%) fizeram a prova apenas por experiência. A instituição só faz um vestibular por ano e, por isso, a porcentagem não costuma mudar muito: no ano anterior, ficou em 3,6% e, no outro, em 3,8%.

Em instituições que fazem provas no meio do ano, entretanto, o número de treineiros entre candidatos “de verdade” acaba sendo maior. A Udesc não disponibiliza ao público esta proporção, mas a coordenadora do Vestibular, Rosângela de Souza Machado, garante que o número de estudantes fazendo a prova por experiência é mais alto no inverno.

– A prova de inverno ajuda muito quem não passou no vestibular de verão. É uma possibilidade de treino para os mais novos, mas também uma chance extra para algumas pessoas que, às vezes, ficam bem perto de conseguir a vaga e não chegam lá – esclarece Rosângela.

## #Fica a dica

### Não entre em desespero

Quando você faz um vestibular por experiência, é possível que o resultado não seja tão bom quanto você gostaria. A explicação é simples: esta é apenas a metade do caminho, e não a etapa final do processo de aprendizado. É importante entender o treino pelo que ele realmente é ao invés de desanimar com uma pontuação baixa. Dê o melhor de si, mas não presuma que este é o máximo de sua capacidade.

### Conheça suas limitações

Fome, sede, sono, cansaço, nervosismo. Você tem ideia de quanto tempo consegue ficar sem comer durante uma prova? E sem ir ao banheiro? É para esse tipo de experiência que serve o treino. Será que se empanturrar antes de sair de casa é tão problemático quanto os professores falam? E virar a noite estudando na semana do vestibular? Este é o momento de prestar atenção em como o psicológico reage às adversidades. – É uma questão de saber como fica o emocional sob tanta pressão – explica a psicóloga e orientadora educacional Tahiana Brittes.

### Teste os conselhos e sugestões

Professores de pré-vestibulares costumam ser cheios de dicas e sugestões. Será que todas elas servem para você? O vestibular por experiência é a chance para descobrir qual o melhor caminho para se chegar lá sem muito sofrimento. Se um professor recomenda escrever a redação antes de fazer as questões de Matemática, por exemplo, faça o teste: talvez sua cabeça funcione de maneira diferente que a das outras pessoas. Mas não seja prepotente, as orientações dos profissionais são baseadas em muita experiência e costumam render resultados positivos. É importante saber equilibrar os dois fatores.

### Descubra no que você vai mal

Mais do que torcer pelos acertos, aguarde o gabarito da prova e saia em busca dos erros. Descubra onde você foi mal e, assim que possível, entenda o problema. Durante os próximos meses, você terá bastante tempo para reavaliar seus métodos de estudo e focar nos pontos críticos. – Um resultado ruim serve, às vezes, para ajudar o aluno a cair na real e sair da ilusão de que está tudo bem – explica a psicóloga do COC Florianópolis, Alessandra Espíndola da Silva.

### Controle o tempo

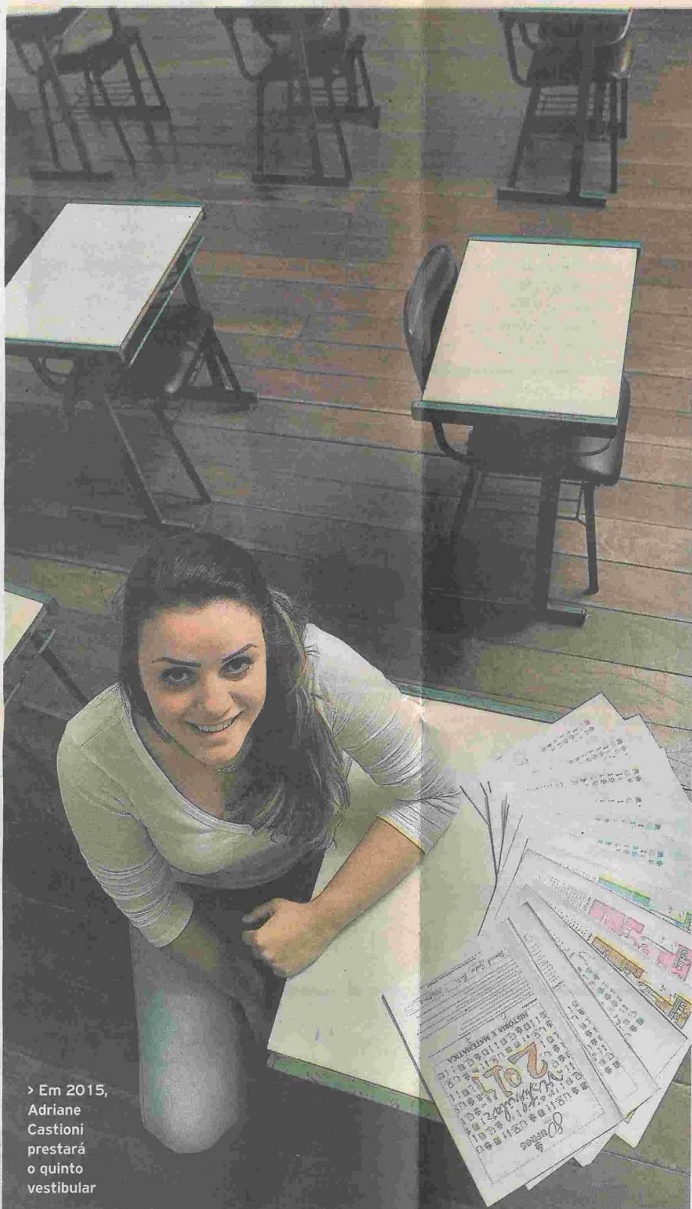
Muitos vestibulandos perdem a noção do tempo durante a prova e acabam deixando itens importantes de lado. Por isso, preste muita atenção ao relógio: a redação e as disciplinas que exigem muita mão de obra, como as exatas, podem se tornar uma armadilha para os mais vestibulandos incautos. – Faça a prova como se fosse a “de verdade”. O treino funciona muito bem para entender a diferença entre um vestibular e uma prova normal, na escola – explica Alessandra da Silva, do COC.



ela segunda vez

# Só não vale desistir

Procurar o nome no listão ano após ano pode ser desesperador. O que fazer para manter o foco?



> Em 2015, Adriane Castioni prestará o quinto vestibular

BRUNO MORAES

2013, 2012, 2011, 2010... até soa como contagem regressiva, mas, para um vestibulando, pode ser uma desagradável lista de insucessos. Tentar uma, duas, três vezes é algo comum, considerando que um concurso como o da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) costuma ter cerca de 34 mil participantes para pouco mais de 6,5 mil vagas.

Em tese, o estudante adquire mais familiaridade com os conteúdos e também com as provas a cada tentativa. Por outro lado, às vezes vê amigos entrando na faculdade e – pior – começa a se desanimar com o sonho cada vez mais distante.

A determinação governamental de que todas as instituições federais de ensino tenham 50% das vagas reservadas a cotistas até 2016, por exemplo, ajuda alguns e complica a vida de outros.

– Percebo que as cotas deixam os estudantes do acesso universal mais nervosos. Mas as regras são as mesmas. Não adianta tentar discutir se é justo ou injusto. Tem que focar no estudo – comenta o psicólogo Fernando Elias José.

A estudante Adriane Castioni, 21 anos, se prepara para fazer vestibular para Direito. Em 2015, tentará pela quinta vez.

– Meu primeiro vestibular fiz para Engenharia Química. Depois, duas vezes para Biomedicina. Mas eu não estava bem certo do que queria, então, procurei um psicólogo. Não mudei em busca de um curso mais fácil de passar, mas porque se encaixa melhor no meu perfil – explica.

Além de refazer a escolha da graduação, Adriane mudou algumas outras coisas. Ela diz que “caiu na real” depois dos dois primeiros vestibulares:

– Sinceramente, não levei muito a sério no começo. Mas, agora, vou reservar horários para estudar à noite e nos fins de semana, sempre mantendo um momento para mim, para pôr, além do estudo, a cabeça em dia. Vou impor mais regras – promete.

## Pare, revise e insista

Fazer vestibular pela enésima vez exige paciência e força de vontade do estudante para pensar a respeito da situação. Rever a caminhada que terminou com um insucesso é o primeiro ponto:

– Quando não passam, muitos estudantes iniciam o ano se perguntando se deveriam mudar de curso. É preciso revisar os métodos de estudo, verificar se realmente seguiu as orientações dos professores e conferir se sabe lidar com seu emocional. Se um resultado é sempre ruim, o comportamento precisa ser revisto. É sempre necessário reavaliar a rotina. Readequá-la é uma consequência, não uma obrigação – recomenda o psicólogo Fernando Elias José, especialista em preparação para vestibulares e concursos.

Agora, antes de se desesperar e decidir mudar de curso ou virar ex-BBB, reflita sobre quatro aspectos apontados pelo psicólogo Fernando Elias José.

### Quatro toques do especialista

- 1) Tenha clareza do porquê de estar fazendo vestibular para tal curso. Se você está certo de que é a melhor profissão para você, siga tentando.
- 2) Tenha consciência de que existe a possibilidade de você ter de tentar mais de uma vez. Isso ajuda a lidar com a frustração.
- 3) Busque apoio de quem está ao seu redor. Amigos, professores e familiares podem te ajudar com a possibilidade de ficar mais alguns anos na fila.
- 4) É clichê, ok, mas a conquista de um sonho não tem preço. Por isso, não desista.

# Tente outra(s) vez(es)

Apesar da experiência acumulada com a sequência de vestibulares, a pressão por passar o quanto antes também pode aumentar. O estudante Ângelo Zanin Gianpaoli, 19 anos, se prepara para encarar o quarto vestibular para Medicina no ano que

vem. Na primeira tentativa, em 2012, tinha 16 anos e recém havia terminado o Ensino Médio.

– Não fiz cursinho naquele ano. Antes, encarava o vestibular com mais tranquilidade. Terminei o colégio cedo. Por um lado, foi bom para concorrer logo. Por outro, foi ruim, porque não estava tão maduro. Não tinha noção do quanto se tem de estudar para passar em Medicina – explica.

Mais consciente de suas necessidades, Ângelo pretende agora mudar algumas estratégias para este ano. Ele lembra que, no concurso passado, chegou perto da vaga, pois teve a redação corrigida – item em que, segundo ele, não foi tão bem.

– Pretendo me dedicar mais para a prova de redação e ter mais horas de estudo, com mais organização. Acho importante fazer vestibulares de inverno. Não fiz no ano passado e, hoje, me arrependo – lamenta.

Professor de Matemática, Régis Gonzaga acaba percebendo na sala de aula a ansiedade de alguns estudantes. Para motivá-los, procura transmitir que vale a pena seguir em busca de um sonho.

– No exercício profissional, a demora em entrar na faculdade e se formar não influencia em nada. Tive um aluno que levou sete anos para passar em Medicina. Seus colegas de escola já estavam se formando quando ele entrou. Mesmo assim, hoje, ele é um profissional realizado. Quanto mais difícil a batalha, maior a sensação de vitória.

SEGUE >



**Histórias de quem insistiu muito e conquistou a tão sonhada vaga na universidade**

*No exercício profissional, a demora em entrar na faculdade e se formar não influencia em nada.*

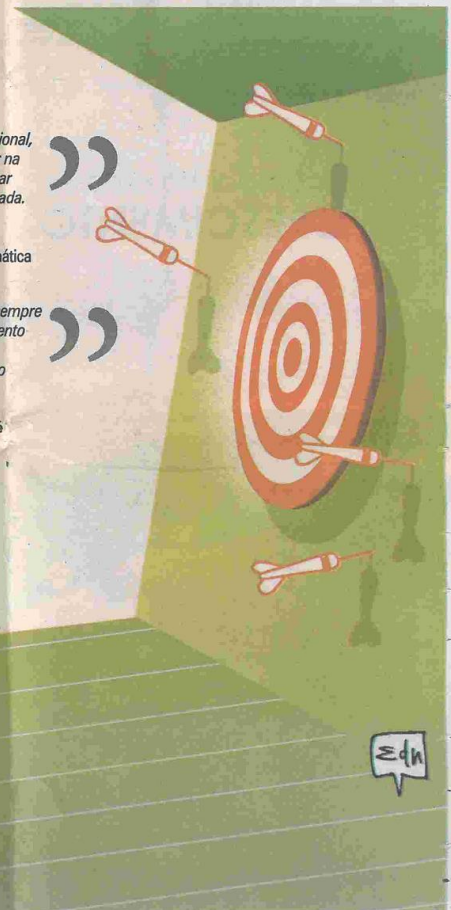
”

**Régis Gonzaga**  
Professor de Matemática

*Se um resultado é sempre ruim, o comportamento precisa ser revisto. É sempre necessário reavaliar a rotina.*

”

**Fernando Elias José**  
Psicólogo



Edn

# Retroceder nunca, render-se jamais

Passar em um curso concorrido como Medicina – em 2014, eram 104,38 candidatos por vaga na UFSC – é, também, uma questão de determinação e reavaliação. Manter-se focado e aprender com os insucessos são os dois pontos-chaves para, um dia, encontrar o nome no listão.

A medida em que se dava conta de detalhes do concurso e de sua própria postura de estudante, Carlos Eduardo de Andrade Teixeira, 22 anos, mudava alguma coisa em sua preparação. Até que, na quinta tentativa, conseguiu ser aprovado.

– Fiz o primeiro vestibular em 2009, logo que saí do colégio. Estava cheio de esperanças. Achava que bastaria estudar bastante e pronto. Não tinha noção da concorrência – relembra.

Nos anos seguintes, Carlos Eduardo foi tirando novas lições sobre a briga que é entrar em um curso de Medicina em uma universidade federal. Matriculado em um cursinho, conseguiu aumentar sua média final em 2010, mas percebeu a necessidade de traçar uma estratégia.

– É muito importante conhecer detalhes técnicos sobre a prova.

Porém, mesmo entendendo melhor o concurso, o resultado não veio em 2011, nem em 2012. Surgiu, naquele ano, a oportunidade de fa-

zer um curso técnico em Biotecnologia. Foi uma chance de aprofundar os conhecimentos em Química e Biologia, não um passo para trás.

– Eu tinha uma única meta: entrar em Medicina. O que me mantinha motivado era a razão pela qual escolhi ser médico. Em 2008, vi notícias de uma greve de médicos no Piauí. Muita gente ficou sem atendimento. Minha intenção era mudar isso.

Envolvido no curso técnico, não fez o vestibular em 2013. Mas, no ano passado, voltou para o cursinho.

– Muita gente não tem noção de que não dá para dar conta de tudo. Estudei o que me daria mais pontuação. Além disso, a base em Química e Biologia que ganhei foi muito boa. Desistir é muito fácil, mas coloquei para mim que o caminho mais fácil não servia – afirma.

## Às vezes, a demora é para se encontrar

Por vezes, a persistência está na busca pela carreira certa. A estudante Ana Paula Beck só se satisfaz com a vida acadêmica em 2011, quando começou a cursar Medicina Veterinária. Ela já havia começado Administração e Arquitetura. Apesar de decidida pela mudança, a aprovação



A estudante Ana Paula (ajoelhada ao centro) se encontrou na Medicina Veterinária depois de três tentativas

para o novo curso não veio logo em seguida, exigindo alguma paciência.

– Fiz um ano de cada curso. A gente sai do colégio muito imaturo, sem saber o que cada graduação oferece. Comecei a me preparar para o vesti-

bular em 2008, mas não passei nos concursos de 2009 e 2010. Entrei primeiro em Administração, porque não sabia o que fazer. Depois, fui para Arquitetura porque gostava de ajudar minha irmã, que é aluna desse curso.

Mas, quando eu procurava estágios, percebia que nada tinha muito a ver comigo. Como sempre gostei de ajudar os animais que se machucavam no meu sítio, mudei de curso – explica a jovem de 26 anos.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.